

**AS ESTRATÉGIAS PARA PERMANECER NO CAMPO E OS  
MODOS DE VIDA DE JOVENS NO LITORAL NORTE DO RIO  
GRANDE DO SUL**

*STRATEGIES TO STAY ON THE FIELD AND THE LIVELIHOODS OF  
YOUNG PEOPLE IN THE NORTH COAST OF RIO GRANDE DO SUL*

**Anelise Carlos Becker Vieira  
Guilherme Francisco Waterloo Radomsky  
Daniela Garcez Wives**

**Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
anebecker@gmail.com, g.radomsky@gmail.com, garcezd@gmail.com

**RESUMO**

O objetivo do artigo é analisar as estratégias de jovens para permanência no campo, a partir da abordagem dos modos de vida, do economista Frank Ellis. O texto é parte dos resultados da pesquisa realizada nos municípios de Três Cachoeiras, Morrinhos do Sul e Mampituba, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil. Os resultados desta pesquisa apontam para as diferentes características dos modos de vida dos jovens rurais, as quais são fruto de suas trajetórias, estabelecendo as estratégias que são próprias e específicas de cada sistema de produção, o sistema de produção convencional ou o sistema agroecológico. Portanto, o estudo mostrou que os jovens promovem transformações em seus modos de vida, constroem estratégias que garantam sua permanência no meio rural, com acesso aos recursos necessários para reprodução social e o desenvolvimento da qualidade de vida no campo.

**Palavras-chave:** jovens rurais, permanência no campo, modos de vida.

**ABSTRACT**

The objective of the article is to analyze the strategies of young people to stay in the field, from the approach of the livelihoods, of the economist Frank Ellis. The text is part of the results of the research carried out in the municipalities of Três Cachoeiras, Morrinhos do Sul and Mampituba, on the Northern Coast of Rio Grande do Sul, Brazil. The results of this research point to the different characteristics of rural young people's livelihoods, which are the result of their trajectories, establishing strategies that are specific to each production system, the conventional production system or the agroecological system. Therefore, the study showed that young people promote transformations in their livelihoods, construct strategies that guarantee their permanence in the rural environment, with access to the necessary resources for social reproduction and the development of quality of life in the countryside.

**Keywords:** rural youth, stay on the field, livelihoods.

## INTRODUÇÃO

O meio rural, enquanto espaço diferenciado não pode ser considerado apenas como um local de residência ou de trabalho; o campo é um lugar de vida, onde se constroem as particularidades e os modos de vida, forjando sua referência de identidade. Desta forma, a compreensão do rural passa a integrar novas dinâmicas relacionadas não apenas ao mercado de trabalho (atividades agrícola e não agrícolas), “mas também a aspectos sociológicos e etnográficos ligados as formas de construção e redefinição das identidades sociais, assim como a cultura, a sociabilidade e os modos de vida” (BLUME; SCHNEIDER, 2014, p. 186).

Se o rural é um ambiente diverso, que deve ser estudado em suas particularidades, também heterogêneo são seus sujeitos, e principalmente a juventude do campo. Atualmente no Brasil, há 49 milhões de jovens, entre 15 a 29 anos e no meio rural, são oito milhões. Contudo, não é possível considerar como jovens aqueles cuja idade está apenas entre 15 a 29 anos, pois o “ser jovem” ultrapassa o conceito de idade, ou até mesmo como uma fase da vida. Portanto, utilizaremos o conceito de categoria social para identificação da juventude. Segundo Groppo (2000, p. 7), a juventude é uma “categoria social”, ou seja, vai além da faixa etária ou classe de idade, isso permite analisar a juventude enquanto uma representação sócio-cultural e uma situação social. Além disso, Weisheimer (2005, p. 26) considera a condição juvenil como uma “construção social, cultural e histórica altamente dinâmica e diversificada”.

Nesta perspectiva é que apontamos a relevância de pesquisas juntamente aos jovens das comunidades rurais. Grande parte das pesquisas realizadas no Brasil tem apontado as questões que contribuem para a saída dos jovens do campo, e a resposta geralmente aponta para a falta de renda, problemas no acesso à educação, terra, cultura, entre outros. Porém, nota-se um novo movimento, que é fruto de um novo olhar para o rural brasileiro, uma revalorização do campo, do ambiente e das formas de viver neste espaço. Portanto, este trabalho pretende apontar porque muitos jovens estão ficando no meio rural, e quais os elementos que contribuem para a permanência destes jovens no campo.

Desta forma a pesquisa teve como foco demonstrar quais são os fatores que influenciam no processo de sucessão familiar fazendo com que os jovens decidam permanecer na agricultura, tanto aqueles inseridos em unidades de produção familiares convencionais como aqueles em unidades agroecológicas.

O embasamento teórico fundamenta-se na abordagem dos modos de vida, de Ellis (2000), e esta perspectiva possibilita observar capacidades que os jovens e suas famílias desenvolvem para planejar e diversificar suas atividades no meio rural, por meio da forma como acessam ou não os recursos dos modos de vida. Esta abordagem será examinada nas partes seguintes do artigo.

Sendo estes jovens agroecologistas ou jovens produtores convencionais que vivem no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, o objetivo principal consiste em compreender as diferentes influências no processo de decisão da permanência no campo a partir de suas diversas estratégias, tais como as relações mercantis, a participação social e o modo de vida de cada um dos grupos.

A escolha do Litoral Norte gaúcho como local da pesquisa ocorreu pela riqueza de experiências em agroecologia desde a década de 1980. As últimas décadas são marcadas por um vasto processo de formação e organização que culminou na criação de diversos grupos, associações e cooperativas de agricultores que trabalham de forma agroecológica. Ao mesmo tempo, ainda há um número muito grande de agricultores vinculados à agricultura convencional, alicerçada no uso de insumos de origem fóssil. Assim como em outras partes do país, constata-se que a presença de jovens rurais nesta

região é um problema. Porém, Wives (2013) observou um alto número de sucessores entre os agricultores agroecológicos nesta área, contrariando tendências gerais a respeito deste fenômeno no Brasil.

Neste sentido, é importante contextualizar brevemente a região, pois as características naturais e também as mudanças históricas influenciam os processos de adaptação, reação e superação das crises encontradas, bem como na criação de modos de vida e de geração de bem estar no meio rural. O Litoral Norte do Rio Grande do Sul apresenta uma grande complexidade, pois se situa em uma zona limítrofe entre o mar e a serra geral. Tem uma formação histórica muito rica, onde os grupos sociais se formaram, aproveitando as vantagens da paisagem para sua reprodução social (WIVES, 2008).

A configuração da agricultura na região em questão é basicamente formada pela agricultura familiar, em sua grande maioria por famílias descendentes de imigrantes alemães e italianos. As propriedades são em sua grande maioria consideradas pequenas, conforme dados da pesquisa, apresentando uma média de 10,63 por família.

Localizada na unidade de paisagem “Média e Baixa Encosta – Depósitos Colúviais”, os solos são mais férteis; nos vales há a produção de banana e nas baixadas há produção de arroz irrigado e olerícolas (WIVES, 2013). Sua vegetação é parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, da Reserva Biológica Estadual da Serra Geral e da Área de Preservação Ambiental da Rota do Sol (BRACK, 2006; WIVES, 2008; CASTRO; MELLO, 2013).

Este artigo está subdividido em três seções. A primeira discute a abordagem dos modos de vida, e o conjunto de categorias que formam esta abordagem, principalmente os conceitos de ativos, capacidades e acesso. Na sequência, o artigo traz resultados empíricos provenientes de uma pesquisa realizada em 2015, nos municípios de Três Cachoeiras, Morrinhos do Sul e Mampituba, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil. E, por fim, as considerações finais.

A pesquisa de campo ocorreu entre junho a novembro de 2015. Os dados obtidos resultam da aplicação de entrevistas semiestruturadas a 24 jovens, em 12 unidades de produção familiar que desenvolvem o sistema convencional de produção, e a 12 unidades de produção familiar que desenvolvem a agroecologia. A análise qualitativa de dados, somada a abordagem dos modos de vida, trouxe um olhar amplo às estratégias desenvolvidas pelos jovens, mas em especial, alicerçada aos cinco capitais: natural, físico, humano, financeiro e social que contribuem para que estes jovens permaneçam no campo. Este artigo apresentará parte desta pesquisa, portanto enfatizará os elementos do capital financeiro (as relações mercantis) e o capital social (inserção social), bem como apresentará características gerais do modo de vida (demais capitais) dos jovens pesquisados.

## **MODOS DE VIDA E SEUS COMPONENTES: ATIVOS, CAPACITAÇÕES E ACESSOS**

A escolha teórica dos modos de vida, abordada principalmente por Ellis (2000), e demais pesquisadores como Hann (2000), Chambers e Conway (1992), tem como principal objetivo, neste estudo, a compreensão das formas como os jovens constroem suas estratégias de permanência no meio rural, possibilitando um processo gradual de sucessão nas comunidades rurais. Sabe-se que atualmente, o modelo de agricultura edificado a partir dos mercados globais, das *commodities* agrícolas, é incapaz de incluir e construir alternativas frente à vulnerabilidade econômica e social que atinge o meio rural brasileiro, e principalmente a agricultura familiar e camponesa (NIEDERLE; GRISA, 2008). Pois, é em resposta a situações de vulnerabilidade, e até mesmo frente

às dificuldades, que os atores locais se posicionam contrapondo a estas tendências e criam dinâmicas de desenvolvimento mais autônomas (LONG, 2001). Para Perondi (2007), o uso da abordagem dos meios de vida como ferramenta de análise se justifica pela construção da análise de estratégias de diversificação da agricultura familiar frente ao processo de mercantilização.

A abordagem, desenvolvida de Chambers e Conway (1992), no início da década de 1990, conhecida como *livelihoods*<sup>1</sup>, tinha como foco principal a sustentabilidade social. Para Perondi (2007), os autores Chambers e Conway defendiam que a sustentabilidade dos meios de vida poderia ser tanto uma perspectiva ambiental, como também social. E acrescenta ainda que a melhor contribuição desta interpretação é a possibilidade de ver a crise como uma dimensão positiva, como o agricultor “pode ser capaz de se adaptar e explorar as mudanças físico, social e econômica, transformando uma ameaça em oportunidade” (PERONDI, 2007, p. 57).

Outra contribuição para esta abordagem foi de Scoones (1998), que lista cinco indicadores de sustentabilidade, três sociais e dois ambientais. Segundo Perondi (2007), pode se concluir, a partir de Scoones, que um meio de vida sustentável deva criar ocupações produtivas; reduzir a pobreza; capacitar e promover o bem estar; reduzir a vulnerabilidade e aumentar a resiliência e, promover a sustentabilidade dos recursos naturais.

A partir destes trabalhos iniciais, muitos dos quais preocupados com a sustentabilidade e a capacidade de manutenção dos modos de vida de pequenos agricultores do continente africano, a abordagem passou a ser experimentada no Brasil. A discussão das estratégias de diversificação dos modos de vida e o acesso aos ativos que contribuem na permanência dos jovens no campo, a partir desta abordagem, tem o desenvolvimento rural como sua própria finalidade. Para Ellis (2000), as famílias rurais constroem um leque de atividades para sobreviver e melhorar a qualidade de vida, a partir dos ativos (capitais) que possuem. Com esta abordagem, compreendem-se as estratégias dos jovens e suas famílias como superação dos obstáculos causados pelo êxodo rural, e todas as formas que geram a expulsão de jovens do campo, causas de grande parte da falta de processos sucessórios no meio rural, como as estratégias de transformação e construção de meios de vida, que os possibilitem permanecer e levar adiante um projeto de vida na agricultura, com dignidade, qualidade de vida e bem estar.

Neste sentido, para Ellis (2000), é através das relações sociais, a partir de suas organizações e instituições, que fazem a mediação das capacidades das famílias atingirem suas necessidades, e são por estas relações que amplia o acesso a um portfólio de atividades. E para isso, é importante definir que o uso da abordagem dos modos de vida é geralmente aplicado a pequenas unidades de análise, sendo os indivíduos e ou suas famílias. Ellis faz a seguinte definição.

Um modo de vida compreende os ativos (natural, físico, humano, financeiro e social), as atividades, e os acessos a estas (mediados por instituições e relações sociais) que em conjunto determinam o meio de vida de um indivíduo ou de um grupo doméstico. (ELLIS, 2000, p. 10, tradução nossa).

---

<sup>1</sup>A tradução do termo “*livelihoods*” para o português não é bem definida. Alguns autores traduzem o termo para “meios de vida” (Perondi, 2007; 2014), (Niederle e Grisa, 2008), e outros para “modos de vida” (Peñafiel, 2007), (Ribeiro, 2009). Neste trabalho, será adotado Modos de Vida.

O grupo doméstico (*household*) que, conforme Niederle e Grisa (2008, p. 51), tem sido discutido no Brasil enquanto unidade de análise é a “unidade familiar<sup>2</sup>”, o que para Peñafiel (2006, p. 29) é traduzido como “unidades de produção doméstica - UPD<sup>3</sup>”. Ellis (2000) caracteriza as UPD como, o conjunto de indivíduos que vivem no mesmo espaço e compartilham das mesmas experiências, decisões e recursos para gerar seus meios de vida.

Neste estudo, foi tomado como unidade de análise o jovem, enquanto indivíduo, mas que se relaciona com a família, sendo aqueles que residem na mesma casa, ou até mesmo na mesma propriedade. Relacionam-se também com o ambiente social e cultural e, para tal, busca-se definir, então, o que são os modos de vida.

A diversidade dos modos de vida também passou a interessar os pesquisadores, pois viram que as estruturas econômicas não transformavam os agricultores em grupos homogêneos, ou seja, a diversidade de estratégias possibilita a construção de alternativas de fontes variadas; integrar-se ao mercado não os transformava em capitalistas. Peñafiel (2006, p. 37) afirma que “ainda que a agricultura familiar tenha se desenvolvido como uma profissão, suas particularidades residem no fato de que a agricultura gera meios para reproduzir um modo de vida, não apenas uma atividade”.

Dentro de uma perspectiva teórica mais ampla, no mesmo período, Amartya Sen (2010) trabalha com a perspectiva de desenvolvimento como expansão das liberdades. O que foi rapidamente incorporada às políticas e programas de desenvolvimento, principalmente ligadas às questões de superação da pobreza, fome e visando o desenvolvimento humano. Esta nova abordagem do economista indiano logo se mostrou propícia para o debate sobre os modos de vida, e Ellis incorporou-a em seus estudos.

Contudo, Peñafiel (2006) afirma que o modo de vida é uma combinação de ativos, capacitações e atividades, que permitem aos indivíduos gerar meios de vida, no qual possam garantir a sua reprodução social. Cabe ainda salientar, que nesta abordagem, o componente mais importante é a plataforma de ativos, compreendidos pelos recursos específicos acessados para a construção das estratégias. Bebbington (1999) afirma que “os ativos são a própria base de poder que dá capacidade (*capability*) ao agente para ser e agir”.

De acordo com Ellis (2000) e Ellis e Freeman (2004), na abordagem dos modos de vida, os recursos são os ativos (conjunto de diferentes capitais), categorizados por: capital humano (habilidades, educação, saúde), capital físico (bens produzidos, maquinários, ferramentas), capital financeiro (renda, poupança, acesso a empréstimo/crédito), capital natural (terra, água, pastagens, etc.) e capital social (redes e associações).

O importante, segundo Ellis (2000), é o acesso pelas pessoas aos diferentes capitais, bem como o que fazem para acessar e as maneiras que acessam. O modo como acessam é determinado por um conjunto de valores e até mesmo habilidades para dominar, controlar, reivindicar e fazer uso dos recursos. A partir destes capitais, os indivíduos realizam ações, compostas por atividades, através das estratégias de sobrevivência e reprodução social.

Estas atividades podem ser divididas entre a utilização de recursos naturais (coleta de lenha, os cultivos, artesanato) ou naquelas baseadas em recursos não naturais (negócios rurais, serviços e manufaturas rurais, recebimento de recursos externos, como

<sup>2</sup> Conforme Niederle e Grisa (2008), para autores como Carneiro (2000), Schneider (2009) e Mattei (2014), a unidade familiar se distingue da unidade de produção, pois possibilita o estudo de relações e força entre os agentes, independentemente das relações de parentesco ou da produção.

<sup>3</sup> Para compreensão maior sobre o termo “Unidade de Produção doméstica” ver autores como Ellis (2000), Ploeg (1994), Chayanov (1981) e Abramovay (2012).

aposentadoria). Ellis (2000) considera as atividades importantes, pois refletem nas estratégias para gerar os diferentes modos de vida.

Enfim, modo de vida é composto por um conjunto de alternativas de ações e estratégias. A decisão de optar por diferentes combinações, na busca da sua reprodução social, econômica e cultural, é feita pelos agricultores e suas famílias e resultam em uma maior ou em uma menor diversificação. (RIBEIRO, 2009, p. 80)

A diversificação passa a ser uma alternativa concreta para garantir estabilidade e autonomia frente ao contexto de vulnerabilidade caracterizada por crises e choques externos (ELLIS, 2000). Além disso, quanto maior e mais diversas são as possibilidades por parte dos atores sociais, maior o grau de autonomia para construir as trajetórias de vida que consideram significativas (NIEDERLE; GRISA, 2008).

Para Peñafiel (2006), a utilização da abordagem dos modos de vida permite compreender que conforme a configuração do ambiente social, econômico e cultural, existem diferentes recursos e formas de acesso, no qual os indivíduos irão recorrer para superar as crises. No entanto, a autora acrescenta que “deve-se considerar as particularidades de cada unidade de produção familiar que, ao longo dos anos, têm desenvolvido um repertório cultural que dirige as suas práticas, suas interpretações e suas ações” (PEÑAFIEL, 2006, p. 43).

Como processos metodológicos, o esquema proposto por Ellis (2000) foi usado para caracterizar as informações advindas do estudo. Tanto pelo acesso ao conjunto de capitais que ampliam as possibilidades dos atores construir estratégias de reprodução social, quanto por suas capacidades em construir modos de vida específicos, visando sua permanência no campo, com qualidade de vida.

## **A HETEROGENEIDADE DE ESTRATÉGIAS PARA A PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO CAMPO: AS RELAÇÕES MERCANTIS, A PARTICIPAÇÃO SOCIAL E OS MODOS DE VIDA**

Os modos de vida, definidos por Ellis (2000), configuram, do ponto de vista teórico, de diferentes estratégias para suprir suas necessidades ao longo das trajetórias. Os jovens, em sua busca pela afirmação de sua identidade enquanto agricultores familiares, pequenos agricultores, e que desejam reproduzir-se socialmente, através da permanência no campo, criam mecanismos de sobrevivência.

Foi possível observar que os jovens demonstraram capacidade de reorganizar suas atividades, repensar o seu agir, e estabelecer ações que visem uma maior autonomia e garanta muito mais do que sua sobrevivência econômica, como sugere Ellis (2000), percebemos que estes jovens estão implementando ações buscando o aumento de sua segurança e resiliência de seus meios de subsistência.

Não é possível afirmar que exista um único modo de vida, pois cada indivíduo decide acessar ou não os recursos disponíveis, e para Ellis (2000), nos estudos através desta abordagem é importante compreender o que as pessoas fazem para acessar os diferentes capitais.

Deste modo, dentro de um mesmo sistema de produção, seja o agroecológico e convencional, considerando elementos singulares de ambos os sistemas, foram percebidas diferenças na forma como estes jovens organizam seus modos de vida. Isso é possível, porque a forma como acessam é determinada por um conjunto de valores e habilidades que é individual de cada sujeito. Da mesma forma, é possível afirmar que

existem diferentes estilos de desenvolver a agricultura e que conseqüentemente, resultam em diversas estratégias.

Na pesquisa de campo, foram encontradas diversas realidades, sendo possível observar e descrever sua organização por meio da abordagem dos modos de vida, verificando que as estratégias variam conforme o acesso aos diferentes capitais. Quanto mais capitais acessam, maior é o leque de oportunidades que os jovens encontram para desenvolver estratégias de permanência no campo.

Do mesmo modo que a abordagem dos modos de vida contribui para a interpretação do contexto social no qual os jovens estão inseridos, um olhar mais abrangente deste espaço também auxilia nesta busca de interpretações de como ocorre o processo de decisão dos jovens em permanecer no meio rural. As formas como os jovens desenvolvem e criam seus modos de vida, são as estratégias encontradas que possibilitam sua resistência no campo e permanência nas atividades agrícolas. Cabe aqui salientar que o conjunto de alternativas que os jovens criam ou reproduzem são condicionados à sua realidade econômica, social e pessoal.

Para isso, esta seção está organizada em três momentos, sendo o primeiro as relações mercantis, que é um dos elementos que diferem os dois sistemas de produção estudados, e tem forte relação com a permanência dos jovens no meio rural. Na sequência, serão apresentados elementos que caracterizam a inserção social dos jovens. E, por último, o próprio modo de vida dos jovens, que é fruto de sua trajetória e de seus componentes.

O que se pode afirmar é que existe uma diferenciação em relação aos jovens que participam de sistemas de produção considerando o acesso ao mercado. Conforme os dados obtidos na pesquisa de campo, é possível perceber a lógica da diversificação muito mais presente no sistema de produção agroecológico, com o objetivo de não depender de apenas um canal de comercialização, e principalmente ter autonomia deste processo. Enquanto isso, de outro lado, os jovens pertencentes ao sistema convencional estabelecem apenas uma forma de comercialização, e na sua maioria, dependentes de um intermediador. O Gráfico 1 apresenta os canais de comercialização acessados pelos jovens entrevistados.

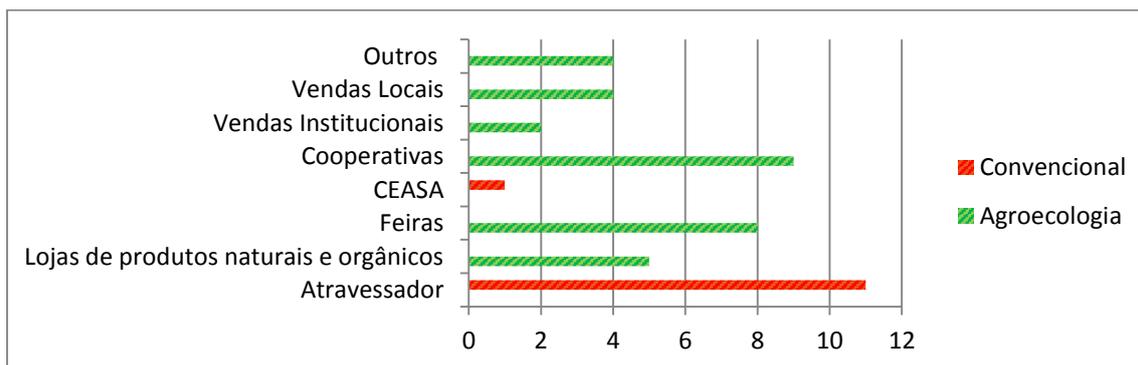


Gráfico 1 - Representação dos canais de comercialização adotados pelos jovens inseridos no sistema de produção agroecológico e para os jovens inseridos no sistema de produção convencional.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Os canais de comercialização, expressos no Gráfico 1, foram apresentados pelos jovens entrevistados nos três municípios estudados. Considerando o número de 12 entrevistas para o sistema convencional, todos eles utilizam apenas um meio para a venda de seus produtos. Sendo que 11 jovens fazem a entrega para o intermediador, ou atravessador, como é conhecido na região. Apenas um jovem faz a venda direta, o mesmo tem seu próprio meio de transporte e um ponto de venda dentro da CEASA/RS -

Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

Observou-se que grande parte dos agricultores não está satisfeita com a venda para os atravessadores, tanto pela dependência e a consequente perda da autonomia, quanto pela insegurança na venda de seus produtos. Esta afirmação é presente na fala de um entrevistado: “Não considero nem um pouco bom. Se não quiser, fica perdendo. Uma das questões piores de trabalhar na roça é essa” (ISC 10<sup>4</sup>). Mas, ao mesmo tempo, partes dos entrevistados, embora tenham consciência de que o atravessador fica com parte de seu lucro, acreditam que esta é uma forma mais fácil de comercialização. Isso porque não gera maiores compromissos e estes se eximem da tarefa de procurar comércio e vender seus produtos.

Porque, claro, sem dúvida se tu levar direto pro mercado, pra CEASA, dá bem mais né, não tem nem comparação, mas hoje pra mim eu não quero isso, porque é muito compromisso, é muito trabalho. [...] Mas do jeito que eu estou vendendo, pro cara que pega, o atravessador, pra mim está bom (ISC 2).

Para Abramovay (2012), esta visão apresentada acima mostra a flexibilidade nas relações com o mercado. Embora haja certa subordinação, aponta para uma particularidade da integração social, se estabelecendo, mesmo que de forma parcial, a confiança entre os agricultores com o atravessador. E caso não consiga se estabelecer esta confiança, ou não estejam satisfeitos com os preços, os agricultores se sentem a vontade para trocar o comprador de seus produtos, pois não existem contratos.

Contudo, o jovem entrevistado que produz de forma convencional e não utiliza um atravessador para vender os alimentos que produz, se sente orgulhoso, pois diz ter autonomia, tanto na produção, quanto na comercialização. Embora nem sempre, mas geralmente consegue debater o preço dentro de seu ponto de venda.

Todavia, no sistema agroecológico, grande maioria utiliza mais de um acesso ao mercado. Entre os 12 entrevistados, apenas três jovens tem a cooperativa de Três Cachoeiras como único acesso para a venda de banana orgânica. Os demais jovens acessam diferentes formas de comercialização. Um dos jovens chega a acessar até cinco canais de comercialização.

Observou-se na pesquisa que, quanto mais diversificadas são as possibilidades de inserção ao mercado, maiores são as possibilidades de ampliação da renda, diminui a dependência frente às regras competitivas do mercado, aumentando a autonomia, pois os jovens se consideram parte do processo, e não alheios a isso. Sendo válido destacar a importância da busca por mercados alternativos, de cadeias curtas, circuitos locais, baseados numa economia justa para todos, desde os agricultores até o consumidor final.

É importante destacar aqui que os entrevistados evidenciaram que é a própria realidade demanda esta diversidade de acessos, e até mesmo eles têm se reorganizado em seus processos produtivos, se adaptando às novas demandas do mercado. Que, além de uma produção mais contínua, também requer uma diversidade maior dos produtos. Com exceção dos três jovens que apenas entregam seus produtos para a cooperativa, comercializando apenas a banana, os demais jovens, têm uma grande variedade de

---

<sup>4</sup> Sempre que feita alguma citação a partir das entrevistas, os jovens não serão identificados pelos nomes, mas por abreviaturas, considerando o sistema de produção, para que e possa identificar o informante. Para o sistema agroecológico foi definido ISA – Informante do Sistema Agroecológico e o número por ordem das entrevistas realizadas. Para o sistema convencional, foi adotado ISC – Informante do Sistema Convencional, e o número, também por ordem das entrevistas realizadas.

produtos que comercializam. No depoimento seguinte, é possível evidenciar esta afirmação.

Só o fato de não ter atravessador já é ótimo, pois temos uma relação direta com o consumidor, isso nos traz muito aprendizado. Nas feiras que a gente participa tem umas melhores e outras que não temos tanta autonomia, pois dependemos muito da prefeitura, como é o caso da feira em Caxias, onde a prefeitura dita muitas regras, até mesmo o preço. Já em Canoas e Porto Alegre, no bairro Menino Deus, temos mais autonomia, pois temos uma associação que coordena a feira (ISA 4).

Dentre as culturas apontadas pelos jovens do sistema agroecológico, a banana ainda tem plantio predominante, até por ser uma cultura perene, com baixo custo e poucos investimentos. Porém, há a inclusão de outros cultivos, como as frutíferas perenes (maracujá, goiaba, pitaya), e também o manejo da Palmeira Juçara (*Euterpe edullis*) para a coleta do açaí. É produzida uma grande variedade de hortifrutigranjeiros, especialmente para as feiras. O gengibre, açafrão, inhame, yacon, e outras raízes e tubérculos também ganham destaque, pois são culturas que exigem pouco uso de mão de obra, tendo boa aceitação pelos consumidores. Os cultivos anuais, tais como feijão, milho, arroz, cana-de-açúcar, aipim, amendoim, são produzidos principalmente para o consumo familiar, mas com a venda do excedente.

Já no caso dos jovens pertencentes ao sistema convencional, oito jovens comercializam apenas a banana, dois jovens comercializam banana e maracujá, e um comercializa banana e cana-de-açúcar. O outro jovem, o que possuiu um ponto de venda no CEASA/RS comercializa pimentão, tomate, pepino e abobrinha. Este último recentemente iniciou o plantio de moranginho orgânico.

É importante considerar a diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar ao pensar formas variadas e diversas na inserção dos mercados. E para tal é fundamental a organização dos agricultores familiares, para que as forças coletivas sejam somadas em busca a saídas comuns, em formas de rede, criando espaços alternativos de comercialização, adaptados a realidade de comunidade e grupo social envolvido.

Na pesquisa de campo, constatou-se que no sistema convencional os jovens e demais agricultores tendem a se organizar menos em grupos, portanto são mais individualizados, como diz um dos jovens entrevistados: “Nós do convencional, é cada um por si” (ISC 6). O que é diferente do sistema agroecológico, em que são formados grupos, associações e cooperativas, com vistas a estar mais organizado para se inserir no mercado com maior autonomia.

Para Sabourin (2009), é preciso compreender quais os objetivos principais das unidades de produção unir-se em redes, que são geralmente para satisfazer as necessidades das suas famílias e da população local. O autor acrescenta ainda que faz parte do desejo dos atores em manter e reproduzir um sistema de valor ético, manter relações humanas e ser parte de uma comunidade. E, deste ponto de vista, constatou-se na pesquisa de campo que ambos os sistemas não se diferenciam, pois, embora mais presente no sistema agroecológico, em que são formadas redes de trabalho, desde a produção, a comercialização e até a certificação participativa de seus produtos orgânicos, o sistema convencional tem uma rede menor, porém muito fortalecida, que é a própria família, mas que garante os mesmos objetivos: se reproduzir socialmente.

Reconhecer a importância estratégica da agricultura familiar é valorizar um conjunto de questões que estão alicerçadas em sua construção, desde a cultura, os saberes, a manutenção do espaço rural, o cuidado com a terra e a natureza, as relações sociais, a produção de um alimento saudável. Enfim, considerá-la como um modo de vida. Daí a importância dos diferentes capitais e habilidades destacados por Ellis. A

relação da agricultura familiar com o mercado é fundamental, pois está diretamente relacionada à permanência da juventude no meio rural. O acesso a comercialização e a criação de circuitos alternativos de mercado possibilitam a geração de renda diversificada e faz com que o jovem veja positivamente a possibilidade de se manter no campo.

O capital social, segundo Ellis (2000, p. 8, tradução nossa), “refere-se às redes sociais e associações em que as pessoas participam e, a partir do qual podem derivar apoio que contribui para seus modos de vida”. Portanto, é determinado pelas diferentes formas de participação que os sujeitos interagem na sociedade. De tal modo, este trabalho busca apresentar as diferentes formas de interação social, e o que esta participação, ou até mesmo, a não participação influencia na escolha dos jovens em se estabelecerem nas atividades agrícolas. O Gráfico 2, representa as diversas formas de participação que os jovens informaram, divididas entre agroecológicas e convencionais.

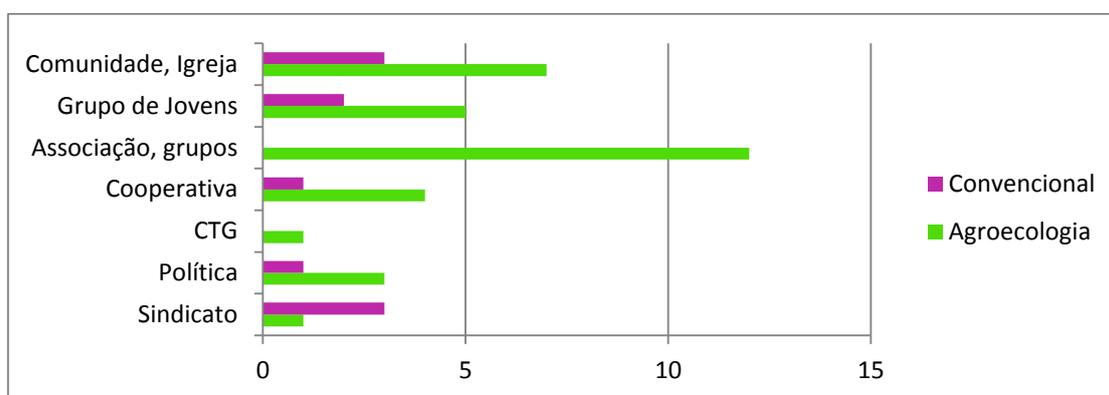


Gráfico 2 – As diferentes formas de inserção social que os jovens entrevistados afirmaram participar, divididos entre jovens inseridos no sistema agroecológico e jovens inseridos ao sistema convencional de produção.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Conforme os dados apresentados no Gráfico 2, os jovens estão inseridos em espaços diversos, tanto em entidades representativas (sindicato, cooperativa, associações e grupos de agricultores), quanto em espaços políticos, de lazer e de cultura (Centro de Tradições Gaúchas, por exemplo). Também se nota presença em espaços de vivência comunitária, com a participação em grupos de jovens, comunidades e Igrejas. Segundo os jovens que indicaram alguma forma de inserção em grupos sociais, a participação é uma das formas de se reconhecer enquanto parte da comunidade e dessa forma criar raízes, que dão sentido a sua permanência neste meio, como afirma este jovem.

Acho que participo de quase todos, menos a escola e sindicato. Nossa família sempre participou na comunidade, ajudando nas festas, na diretoria, na Igreja, temos também os grupos de família, um espaço de reza e partilha. Faço parte do grupo de jovens, atualmente tem 30 jovens participando, fui presidente do grupo durante dois anos, agora trocou, mas continuo ajudando, me proponho ajudar porque quero ver funcionar. Também represento no setor juventude da paróquia, vou representando todos os jovens nas reuniões que acontece na paróquia. Temos um grupo de agroecologia a APEMSUL – Associação dos Produtores Ecológicos de Morrinhos do Sul, que já existe desde 1997, mas nossa família entrou em 2002, há 13 anos. Acho que minha vida não teria sentido se não fosse à vivência comunitária, com todos os grupos e serviços que temos. (ISA 4)

Isso mostra a importância das comunidades rurais, enquanto espaço de vivência coletiva e o quanto as coletividades criam distintas formas de inserção social para os indivíduos. Por meio da pesquisa histórica da região, foi possível perceber que uma das primeiras ações dos imigrantes foi a criação das comunidades como um espaço de interação, de partilha, de ajuda e oração. Com os dados apresentados, foi observado que ainda hoje os valores comunitários são afirmados, pois dez dos jovens pesquisados afirmam participar ativamente nas comunidades.

Da mesma forma, sete jovens que afirmam participar de grupos de jovens, grupos estes que geralmente são ligados às comunidades católicas e da Pastoral da Juventude Rural – PJR. Afirmam que este espaço proporciona o lazer, a partilha e a oração, formação, estudo e de luta por garantia dos direitos da juventude.

A participação em grupos, associações e cooperativas, presente prioritariamente aos pertencentes do sistema agroecológico, é vista pelos jovens como uma possibilidade real de trabalho coletivo, pois embora a produção ocorra de forma individual, apenas entre as famílias, os cursos de formação, a comercialização e certificação dos produtos orgânicos são pensados coletivamente. Os jovens mencionam que as reuniões são momentos de “discussão sobre as dificuldades, mas também nas formas de superação, ouvindo a ideia de cada um para poder avançar” (ISA 4).

Contudo, alguns jovens manifestaram que não tem uma participação ativa nos espaços sociais; dizem que participam, porém não interagem. Isto, por exemplo, foi observado em relação ao sindicato (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) em que os jovens que afirmaram fazer parte deste segmento dizem ser sócios, mas não vão às reuniões, e se associaram apenas como uma forma de acessar a licença maternidade ou ter desconto em consultas médicas, como afirma a jovem entrevistada.

No sindicato eu sou sócia, daí é só eu no sindicato. É que eu fiz pela licença maternidade, se tu não fazer sindicato, já fica mais difícil de tu receber, daí pra dar baixa é ruim, é bom porque daí tem desconto no médico, essas coisas. (ISC 3)

Deste modo é possível concluir que os jovens com maior participação social tem acessado diferentes recursos e desempenhado atividades diversas enquanto estratégias de permanecer no campo, além disso, os jovens que participam de algum grupo social têm maior acesso a informação, conhecem seus direitos e os reivindicam, além de acessar as diversas políticas públicas para o campo (moradia, comercialização, investimento, etc.).

Passando a outro tópico do artigo, pode-se destacar um importante resultado que a pesquisa de campo permitiu observar: a relação entre os perfis individuais dos jovens e o que podemos identificar como grupos que se caracterizam por atributos afins. Ou seja, uma breve apresentação dos modos de vida observados nos jovens que participaram deste pesquisa.

Analisando o perfil de cada jovem, percebeu-se que se pode verificar grupos distintos de jovens que se diferenciam conforme acesso aos diferentes capitais e também conforme o sistema de produção.

O primeiro grupo, pertencente ao sistema agroecológico - que apresenta menor área de terra e maior força de trabalho, ou seja, mais pessoas trabalhando na propriedade - estão os que mais diversificam a produção, bem como os canais de comercialização. Desta forma, a estratégia é a própria diversificação, pois com uma pequena área de terra, não seria possível ocupar toda a família desenvolvendo uma única cultura. Sendo assim, as famílias optaram por desenvolver um manejo diversificado, com culturas que dão rápido retorno, principalmente para a comercialização em feiras.

A comercialização em feiras exige dos produtores uma diversificação de produtos, bem como de um planejamento para garantir a oferta semanal dos mesmos. Este elemento é observado nas pequenas propriedades, como por exemplo, uma área total de 12 ha na qual trabalham duas famílias e ocupam em média oito pessoas. Através do relato dos jovens é possível perceber que a diversificação é fundamental para obter a maior renda possível com pouca área de produção.

Bom, quando a gente diversifica, a gente não fica preso a uma só cultura, a gente sabe que muitas vezes num ano agrícola que uma determinada cultura sofre, outra não. Então a diversificação faz com que a gente consiga ter renda pelo menos de um lado, se algum foi prejudicado, o outro ainda está ali. Não sei se seria um risco, mas em função de ter diferentes culturas, a mão de obra também precisa diversificar, precisa aprender, por exemplo, antes meu pai produzia só banana, ele sabia produzir banana e pronto. Agora com a entrada das hortaliças ele está tendo que se especializar um pouco, está tendo que aprender a produzir coisas diferentes. No fim, acaba que não é um risco, que é também um benefício, aprender coisas novas (ISA 8).

Além disso, estas famílias, através da diversificação, produzem também alimentos para seu autoconsumo, que pode também ser considerada uma estratégia, pois é uma forma de garantia de segurança alimentar, é um meio de reduzir os gastos com aquisição de alimentos externos. As feiras também são espaços de trocas, entre os agricultores e consumidores, e entre os próprios agricultores, que realizam, entre si, a partilha e a troca dos alimentos, geralmente ao fim da feira.

Ainda neste grupo é observada a realização de outras atividades, tal como a implementação de agroindústrias familiares artesanais, que é uma forma de aproveitamento da produção excedente, bem como de agregação de valor ao trabalho. Outra observação é o fato de que a maioria destes jovens possui maior escolaridade, capacitação e participação em diversos cursos, possíveis através do grande número de pessoas na família, que torna plausível a divisão de tarefas, tanto para o planejamento e execução das atividades agrícolas, como também para as saídas em busca de formação. Esta afirmação pode ser comprovada com os depoimentos de dois jovens:

Ele [pai] sempre me levava quando ele ia fazer curso de formação, no Centro Ecológico, lá em Dom Pedro, então eu me lembro que desde pequenininha eu sempre participei das reuniões, as vezes mesmo que eu não entendesse o que estava acontecendo, mas eu sempre estive neste meio, e de certa forma acredito que isto tenha sim influenciado na minha escolha. (ISA 8)

Isso ajuda bem mais, porque senão fosse este conhecimento, era capaz até de desistir né. Tem muito da juventude aí, que em tanto dar murro em ponta de faca que desistiram, não procuraram alternativa, não fizeram um curso, ficaram só naquilo ali... Porque muitas vezes não é só trabalhar, trabalhar, tem que sair fora da propriedade e dar uma olhada né, que a gente faz muito isso aí. (ISA 9)

Portanto, neste primeiro grupo observou-se com maior intensidade a presença do capital humano, pois segundo Ellis (2000), o trabalho, as habilidades, a criatividade e os conhecimentos, são elementos que possibilitam uma melhor atuação em seu meio, e assim, os sujeitos conseguem desenvolver mais estratégias. Neste sentido estes jovens têm um maior portfólio de estratégias em vista de sua permanência no campo, conseguem compreender seu papel de agricultores, têm maior autonomia e liberdade para desenvolver práticas de reprodução social.

Ainda analisando os jovens do sistema agroecológico, há outro grupo, porém pequeno, que possuiu maior área de terra e com menor força de trabalho, geralmente uma ou duas pessoas envolvidas. Desenvolvem apenas a bananicultura, visto que este cultivo não exige grande emprego de mão de obra, além de ser uma cultura rentável, o que resulta na opção, por parte dos agricultores em dedicar-se somente a banana e, sobretudo, não realizam o plantio para o autoconsumo. Desta maneira, analisando este modo de vida a partir da abordagem de Ellis, o planejamento é realizado a partir daquilo que se tem, e neste caso, como a terra é o capital em maior abundância, a estratégia é ocupá-la, visto que a renda é proveniente apenas de um único cultivo.

Estes mesmos elementos já foram considerados por Wives (2013) que observou que são os menores produtores que desenvolvem um sistema de produção intensivo, explorando muito mais os fatores de produção terra, trabalho e capital. Portanto, para Wives (2013), para garantir a reprodução social em propriedades pequenas, a intensificação é vista como o caminho percorrido pelos agricultores.

Analisando o caso dos jovens pertencentes ao sistema convencional, foi possível observar que também são heterogêneos, pois se organizam a partir de diferentes condições e demandas, portanto, se constituem em grupos distintos. Um grupo menor tem em suas propriedades maior infraestrutura, tanto nas instalações, como em maquinários e veículos, o que tende a possibilitar a estes jovens ampliar as estratégias de permanecer no meio rural. Visto que esses criaram alternativas frente a suas dificuldades, como por exemplo, o limitante de área de terra para um dos jovens, resultou na busca da tecnificação com a instalação de estufas, criando melhores condições na produção, bem como em realizar a venda diretamente no CEASA, obtendo maior lucro.

No começo a gente tinha só uma parelha de boi, antes era difícil, para lavrar uma terra no arado era complicado. Então a gente comprou tobata, comprou rotativa, onde facilitou. Isso facilitou para a gente ficar na roça. Implementos agrícolas, hoje a gente ganha muito tempo, não é serviço tão braçal, serviço menos duro. Minha intenção, daqui dez anos, é ter minha propriedade entre 30 à 40% produzido em estufas, para produzir nas estufas, esta é minha meta. (ISC 1)

Neste mesmo grupo, outro jovem, embora com acesso a terra e infraestrutura, há a dificuldade em relação à dependência pelo atravessador, que segundo o jovem, é um dos piores problemas da agricultura. Com isso, diversificou a atividade na propriedade, buscando no turismo rural, a partir da instalação de pousadas e o serviço de café rural, uma alternativa de melhoria na renda e até mesmo, uma forma de garantir a permanência dos jovens na propriedade. “Nós estamos tentando na questão da pousada, então depende, se der certo a pousada, nós vamos investir em pousadas, se não, vamos ficar na agricultura, mas também no turismo rural” (ISC10).

Além disso, há jovens que, embora tenham a banana como fonte de renda principal, introduziram um novo cultivo, o maracujá. Por ocupar mão de obra em apenas um período do ano, o maracujá é facilmente conciliado a bananicultura.

Outro grupo dentro do sistema convencional está relacionado aos jovens com menor infraestrutura em suas propriedades, sem diversificação, com venda para o atravessador, mas que estão obtendo renda satisfatória para continuar no trabalho agrícola, pois empregam uma estratégia que visam ampliar suas áreas de terra.

Observou-se que a venda por intermédio do atravessador não é vista como um limitante, já que estes não têm infraestrutura para acessar o mercado. Neste grupo os jovens tem menor inserção social, e até mesmo baixa escolaridade, tampouco buscam por cursos de capacitação. Para estes, o maior objetivo é aumentar a produção para

continuar se desenvolvendo e, para isso, a estratégia encontrada tem sido a compra de terra. Desta forma aumenta-se a produção, a renda, e conseqüentemente aumenta a capacidade de emprego da mão de obra familiar.

Contudo, se a compra de terra não for possível, para garantir o emprego da mão de obra familiar, alguns casais de jovens têm adotado como estratégia o trabalho não agrícola, em que as esposas realizam trabalho externo à propriedade, para assim gerar renda suficiente aos modos de vida ao qual eles julgam adequados. Como pode ser conferido no depoimento desde jovem, cuja esposa desenvolve um trabalho não agrícola.

Ajuda muito né, porque o dela é todo mês certo, tipo eu, o cara não sabe, na roça, por nada não produz nada esse mês, depende do clima, do tempo também, ninguém sabe, o dela é pouco mais ajuda muito (ISC 6).

Analisando o conjunto dos jovens, independente do sistema de produção, ainda é válido ressaltar que a posse da terra tem ocorrido majoritariamente pela compra e não pela herança, do mesmo modo as propriedades rurais se resumem em pequenas áreas, como já visto anteriormente, a média das propriedades é 10,63 ha, ou seja, áreas muito pequenas e para garantir a reprodução e a permanência do jovem é preciso criar mecanismos que garantam à permanência no campo. Como apresentados neste trabalho, estes ocorrem de diversas formas. Para os jovens do sistema agroecológico a alternativa mais observada foi a diversificação; já no caso dos jovens do sistema convencional, que tem maior resistência à diversificação - sendo no máximo duas culturas - a alternativa encontrada é a compra de mais área de terra.

Para os dois sistemas de produção, a família tem desenvolvido um papel fundamental, assim como mostram os estudos de Ellis (2000). A família é um conjunto de relações sociais, carregada de valores e conhecimentos, passados de geração em geração. Portanto estes valores são vistos como “sagrados” pelos jovens e devem ser preservados para as futuras gerações. Assim, é possível considerar que a manutenção destes valores é uma estratégia familiar. A família precisa garantir sucessores não apenas para garantir o cuidado da propriedade, mas para manter as tradições da família, ser agricultor é mais do que uma profissão, é um legado de seus antepassados, como também foi observado por Wives (2013) em pesquisa na mesma região.

A opção dos jovens em assumir a identidade de agricultores está muito ligada a isso, pois se reconhecem enquanto parte de um elo, mas ao mesmo tempo, compreendem que é possível preservar o valor do trabalho na agricultura inserindo novas atividades e inovando as estratégias, como a agroindústria, o turismo rural, a participação de cursos de capacitação. Enfim, estão dispostos a permanecer no campo com qualidade de vida, geração de renda e reprodução social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A agricultura familiar tem se fortalecido e se consolidado como uma alternativa viável de trabalho e renda para milhares de famílias. Da mesma forma, a agricultura familiar tem forte capacidade de adaptação a diferentes ambientes e condições. Na região de Torres, os agricultores familiares desenvolveram atividades a partir do ambiente que foram inseridos, e no caso dos jovens pesquisados, nas encostas da Serra Geral, o cultivo da banana foi o mais propício.

Ao longo do tempo os agricultores familiares foram desenvolvendo atividades e estratégias diversas, o que configura hoje, na existência de uma agricultura familiar

heterogênea. Durante este trabalho, foi possível compreender que além da organização em dois nítidos sistemas de produção, o agroecológico e o convencional, existem ainda, entre eles diferenças, pois cada jovem e cada família carrega valores e uma “bagagem” de conhecimentos e habilidades, que vão configurando seus modos de vida. Sendo assim, analisaram-se as diferentes estratégias a partir das relações mercantis, da sua participação social, que configuram estes modos de vida, nos sistemas agroecológicos e convencionais.

Os resultados permitem concluir que os jovens tendem a se organizar e construir suas estratégias realizando um planejamento a partir dos capitais que lhes são mais disponíveis. Foi possível concluir que os jovens com limitação de acesso à terra, porém com alto poder de trabalho, tendem a diversificar a produção e comercialização visando o emprego da mão de obra familiar e ao mesmo tempo gerar renda a toda a família.

Já aqueles que têm limite em mão de obra, mas possuem maior área de terra, tem como estratégia a máxima produção de até duas culturas. O que permite a geração de renda executando um menor uso da força de trabalho. E, por fim, outra estratégia é a aquisição de terras, já que grande parte dos jovens não tem acessado a propriedade rural por herança.

Para os estudos em desenvolvimento rural, a abordagem dos modos de vida é um dos possíveis olhares que contribui no processo de compreensão das dinâmicas que caracterizam e constroem a riqueza do mundo rural. A utilização deste ferramental teórico possibilitou compreender como os jovens se adaptam ou reagem frente ao acesso, ou, até mesmo, a falta destes recursos que possibilitam os jovens rurais atuarem na construção de estratégias de superação dos limites existentes.

Compreender a forma como as pessoas organizam seus modos de vida é compreender um portfólio de estratégias criadas frente aos desafios impostos pela realidade em cada momento histórico. Para os jovens a escolha é de permanecer e resistir no campo, o que importa é a capacidade de construir estratégias para concretizar este desejo. E para isso eles se lançam a criar e recriar possibilidades, transformando o meio em que vivem, suas unidades de produção, a comunidade e a sociedade como um todo.

Nesta pesquisa pode-se perceber também que quanto maior é a aproximação e a relação dos jovens com suas comunidades, maior são as chances destes permanecerem no meio rural, pois se sentem parte do processo de transformação e construção de estratégias de melhorias que geram bem estar ao conjunto dos indivíduos de uma comunidade.

Embora pertencentes à mesma categoria, a agricultura familiar, os dois sistemas de produção se diferem desde as atividades desenvolvidas, até o acesso a mercados, incluindo diferenças também na configuração da inserção social dos jovens rurais. Enfim, nos distintos sistemas observa-se que os indivíduos criam mecanismos diferentes buscando superar os obstáculos diversos, construindo resultados concretos e permitindo a reprodução social no campo.

Pode afirmar que quanto maior a formação, os conhecimentos adquiridos, quanto mais acesso aos demais recursos, maior também são o poder e os sonhos dos jovens para planejar o futuro, ou até mesmo sonhar com suas vidas daqui a vários anos.

Independentemente do sistema de produção adotado, estes jovens tem buscado estratégias de superação dos limites que encontram, e desta forma constroem seus modos de vida com base no desenvolvimento de uma agricultura voltada à produção de alimentos, que valoriza a cultura local e, assim, enxergam na agricultura uma possibilidade não apenas de trabalho, mas de vida.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 3. ed., 1ª reimp. São Paulo: Edusp, 2012.
- BEBBINGTON, A. Capitals and Capabilities: A Framework for Analyzing Peasant Viability, Rural Livelihoods and Poverty. **World Development**. Vol 27, n. 12, 1999. (p. 2021 – 2044)
- BLUME, R.; SCHNEIDER, S. Sobre a delimitação do rural: atualizando o debate sobre as metodologias que desmistificam o fim do rural no Brasil. In: CONTERATO, M. A; RADOMSKY, G. F. W; SCHNEIDER, S (ogs). **Pesquisa em Desenvolvimento Rural: aportes teóricos e proposições metodológicas - volume 1**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.
- BRACK, P. Vegetação e Paisagem do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: patrimônio desconhecido e ameaçado. In: CECLIMAR – UFRGS. **Livro de Resumos do II Encontro Socioambiental do Litoral Norte do RS, 2006: ecossistemas e sustentabilidade**. Imbé: CECLIMAR – UFRGS. 2006. p. 46 – 71.
- CARNEIRO, M. J. Política de desenvolvimento e o novo rural. In: CAMPANHOLA C; SILVA, J. G. da.(Ed.) **O novo rural brasileiro**. Jaguariúna, SP: Embrapa, 2000. (p. 117 – 149)
- CASTRO, D. de; MELLO, R. S. P. (org.) **Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí**. Porto Alegre: Ed. Via Sapiens, 2013. CHAMBERS, R.; CONWAY, G.R. **Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21<sup>st</sup> century**. IDS Discussion Paper 296, 1992.
- CHAMBERS, R.; CONWAY, G.R. **Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21<sup>st</sup> century**, UK, 1992. (IDS Discussion Paper, 296).
- CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, J.G.; STOLCKE, V. A. (Org.). **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (p. 133 – 163)
- ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- ELLIS, F.; FREEMAN, H. **Rural livelihoods and Poverty Reduction Policies**. London: Routledge, 2004.
- GROPPO, L A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HANN, L. J. Globalization, Localization and Sustainable Livelihoods. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 40, n. 3, p. 339 – 365, 2000.
- LONG, N. **Development sociology: actor perspectives**. London: Routledge, 2001.
- MATTEI, L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporânea. **Revista de Economia do Nordeste**, número especial Agricultura Familiar, 2014.
- NIEDERLE, P. A.; GRISA, C. Diversificação dos meios de vida e acesso a atores e ativos: uma abordagem sobre a dinâmica de desenvolvimento local da agricultura familiar. **Cuadernos Desarrollo Rural**, Bogotá, v. 5, n. 61, 2008. (p. 41-69)

PEÑAFIEL, A. P. P. **Modos de vida e heterogeneidade das estratégias de produtores familiares de pêssego da Região de Pelotas.** 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PERONDI, M. A. **Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PLOEG, J D. Van der. La reconstitución de la localidad: tecnología y trabajo en la agricultura moderna. **Congreso de la Sociedad Española de Agricultura Ecológica.** Toledo. España. 1994. (p. 424 – 447)

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SCOONES, I. **Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis.** Institute of Development Studies (IDS) Working Paper 72, 1998.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade.** Tradução Laura Teixeira Motta; Revisão técnica Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

WEISHEIMER, N. **Juventudes Rurais: mapa de estudos recentes.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WIVES, D. G. **Funcionamento e performance dos sistemas de produção da banana na Microrregião do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.** 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WIVES, D. G. **Fatores Influentes na Tomada de Decisão e Organização dos Sistemas de Produção da Base Ecológica da Banana no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

**Recebido para publicação em 16 de fevereiro 2017**

**Aceito para publicação em 5 de maio de 2017**